



A formação ao silêncio na liturgia: uma reflexão sobre o n. 52 de *Desiderio Desideravi*

Formation to silence in the liturgy:
a reflection on n. 52 of *Desiderio Desideravi*

*Wellington José de Castro**

Recebido em: 21/02/2023. Aceito em: 20/03/2023.

Resumo: O tema abordado pelo Papa Francisco em sua Carta apostólica *Desiderio Desideravi* foi a necessidade de os batizados serem formados para a liturgia e pela liturgia, considerada a fonte e o ápice da vida cristã. De modo particular, trata em um parágrafo sobre a formação ao silêncio orante e litúrgico, que não é uma pausa ou ausência de palavras, mas parte necessária da ação litúrgica, porque move o fiel ao arrependimento e ao desejo de conversão, suscita nele a escuta da Palavra de Deus e prepara-o à oração, dispondo-o também à adoração do Corpo e do Sangue de Cristo. Deste modo, o Pontífice quer levar os cristãos a refletir sobre a urgência da redescoberta do silêncio como símbolo da presença e da ação do Espírito Santo na celebração litúrgica, em particular da Eucaristia. Este artigo tem o objetivo de refletir justamente sobre esta temática, tendo como base o referido parágrafo (n. 52), as indicações do Missal Romano acerca dos momentos em que o silêncio litúrgico é previsto (não tanto como gesto, mas como símbolo) e alguns textos de Romano Guardini, teólogo citado pelo Papa em seu texto, considerado o “filósofo do silêncio”, bem como outros documentos magisteriais e alguns artigos importantes que afrontam este tema, apresentando de modo claro a necessidade (às vezes obrigatoriedade) do silêncio sagrado na liturgia.

Palavras-chave: silêncio; liturgia; oração.

Abstract: The theme addressed by Pope Francis in his Apostolic Letter *Desiderio Desideravi* was the need for the baptized to be formed for the liturgy and by the liturgy, considered the source and summit of Christian life. In a particular way, he deals in a paragraph with formation to prayerful and liturgical silence,

* Doutorando em Teologia Litúrgica (Pontifícia Universidade da Santa Cruz, Roma).
Mestre em Teologia Litúrgica (Pontifícia Universidade da Santa Cruz, Roma, 2020).
Bacharel em Teologia (Pontifícia Universidade da Santa Cruz, Roma, 2015).
E-mail: wjcastro78@gmail.com.





which is not a pause or absence of words, but a necessary part of the liturgical action, because it moves the faithful to repentance and the desire for conversion, it awakens in him the listening to the Word of God and prepares him for prayer, disposing him also to adoration of the Body and Blood of Christ. In this way, the Pontiff wants to lead Christians to reflect on the urgency of rediscovering silence as a symbol of the presence and action of the Holy Spirit in liturgical celebration, in particular the Eucharist. This article aims to reflect precisely on this theme, based on the aforementioned paragraph (n. 52), the indications of the Roman Missal about the moments in which liturgical silence is foreseen (not so much as a gesture, but as a symbol) and some texts by Romano Guardini, a theologian quoted by the Pope in his text, considered the “philosopher of silence”, as well as other magisterial documents and some important articles that confront this theme, clearly presenting the necessity (sometimes mandatory) of sacred silence in the liturgy.

Keywords: *silence; liturgy; prayer.*

Introdução

Um dos elementos que mais se destacaram, pela novidade, em alguns documentos emanados pelo Concílio Vaticano II, sem dúvida alguma, foi a participação plena, consciente e ativa à celebração eucarística, como um direito e um dever dos fiéis em virtude dos sacramentos de iniciação cristã¹. Após séculos de um quase total “mutismo”, em que dos membros da assembleia pouco se dizia nos livros litúrgicos, as discussões geradas pelos teólogos do Movimento Litúrgico – do final do século XIX e início do XX – chegaram até as reuniões conciliares e levaram o Magistério da Igreja a refletir sobre o modo de viver a liturgia, que é “o exercício da função sacerdotal de Cristo”² e, por isso mesmo, “ação sagrada por excelência, cuja eficácia nenhuma outra ação da Igreja iguala, sob o mesmo título e grau”³, contribuindo “sumamente para que os fiéis expressem em suas vidas e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja, que tem a característica de ser ao mesmo tempo humana e divina”⁴.

Talvez por todo o enfoque dado à participação, ou, mais ainda, por um mau entendimento do que realmente se tratasse, aos poucos se foi

¹ Cfr. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II* [Documentos da Igreja]. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 41; SC, 14.

² CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 38; SC, 7.

³ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, *id.*

⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, pp. 33-34; SC, 2.



criando a mentalidade (ainda hoje muito presente, seja no ambiente acadêmico, seja no ambiente pastoral) de que é sempre importante “fazer algo”. Isso acabou, de certa forma, levando à equivalência entre *participatio* e *actio*, muitas vezes deixando pouco espaço à *oratio*, entendida também como *actio Dei*, ou seja, a oração que dá espaço para se ouvir a voz de Deus, que muitas vezes fala no “ruído de uma leve brisa” (1Re 19,12).

Na Carta apostólica *Desiderio Desideravi*, sobre a formação litúrgica do povo de Deus, o Papa Francisco, dentre vários temas, dedicou um parágrafo para tratar da indispensabilidade da formação também em relação ao silêncio na liturgia, necessário para bem viver a celebração e colher melhor os frutos que dela advêm. É no n. 52 que o Santo Padre, retomando o que vem descrito a respeito na *Instrução Geral do Missal Romano* (IGMR)⁵, dá sua colaboração acerca da importância do silêncio sagrado nas diversas partes da Missa em que este é previsto pelas rubricas.

1 O silêncio orante na Celebração Eucarística

Um dos questionamentos que o Papa Francisco faz nesta carta é justamente “como recuperar a capacidade de viver em plenitude a ação litúrgica?”⁶. Ora, se se trata de recuperar, é precisamente porque ele tem consciência de que é algo que se perdeu, porque infelizmente não é raro que nas celebrações dos sacramentos – de modo particular da Eucaristia – ocorram certos abusos, os quais “contribuem para obscurecer a reta fé e a doutrina católica acerca deste admirável sacramento”⁷, cuja origem se funda num falso conceito de liberdade – da parte dos ministros ordenados, mas também da assembleia como organismo sacerdotal –, onde, com frequência, se tem a ideia de que, em nome de uma melhor participação, se pode fazer “de tudo”. E é interessante que a reflexão do Pontífice sobre o silêncio na liturgia esteja propriamente na seção em que trata da *ars celebrandi*, a arte de bem celebrar, indicando ser

⁵ Como referência será usado o texto disponível em: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Reunidos em nome de Cristo – Instrução Geral do Missal Romano*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

⁶ FRANCISCO. *Carta apostólica Desiderio Desideravi sobre a formação litúrgica do povo de Deus*. Vaticano: 2022. DD 27. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html. Acesso em: 18 jan. 2023.

⁷ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*. Vaticano: 2003. EE 10. Disponível em: https://www.vatican.va/holy_father/special_features/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_ecclesia_eucharistia_po.html. Acesso em: 18 jan. 2023.



igualmente necessário que os fiéis sejam formados para a *ars tacendi*, a arte de silenciar.

Falando sobre a participação à celebração, a *Constituição sobre a Liturgia* afirma que, “para promover a participação ativa, cuide-se de incentivar as aclamações dos fiéis, as respostas, a salmodia, as antifonas, os cânticos, bem como as ações, gestos e atitudes. Seja também observado, a seu tempo, o silêncio sagrado”⁸. Diversamente, portanto, do que se poderia pensar, participa-se também do rito sacramental por meio do silêncio, que não é algo cujo valor possa ser menosprezado ou diminuído. Todavia, o que se percebe é que, em muitas realidades eclesiais, houve a promoção das aclamações por parte dos fiéis, das respostas, bem como dos gestos rituais, conforme desejado pela constituição conciliar, mas o mesmo não aconteceu com os momentos de silêncio, como se para ele não houvesse espaço. Provavelmente por isso o assunto volta a estar presente em um documento magisterial, desta vez numa carta apostólica.

Com base nestas premissas, eis o que o Santo Padre buscou evidenciar no número 52 do documento, ainda que, como ele mesmo diz, sem se aprofundar na temática:

Entre os gestos rituais que pertencem a toda a assembleia, o silêncio ocupa um lugar de importância absoluta. Várias vezes é expressamente prescrito nas rubricas: toda a celebração eucarística é imersa no silêncio que precede o seu início e marca cada instante do seu desenvolvimento ritual. Efetivamente, está presente no ato penitencial; após o convite à oração; na liturgia da Palavra (antes das leituras, entre as leituras e após a homilia); na oração eucarística; depois da comunhão. Não se trata de um refúgio onde esconder-se para um isolamento intimista, quase sofrendo a ritualidade como se de uma distração se tratasse: um tal silêncio estaria em contradição com a própria essência da celebração. O silêncio litúrgico é muito mais: é o símbolo da presença e da ação do Espírito Santo que anima toda a ação celebrativa; por esse motivo muitas vezes constitui o ápice da sequência ritual. Precisamente porque é símbolo do Espírito, tem o poder de exprimir a sua ação multiforme. Assim, retomando os momentos que acima recordei, o silêncio move ao arrependimento e ao desejo de conversão; suscita a escuta da Palavra e a oração; dispõe à adoração do Corpo e do Sangue de Cristo; sugere a cada um, na intimidade da comunhão, o que o Espírito quer realizar na vida para nos conformar ao Pão partido. Por isso, somos chamados

⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 46; SC, 30.



*a realizar com extremo cuidado o gesto simbólico do silêncio: é nele que o Espírito nos dá forma*⁹.

“Entre os gestos rituais que pertencem a toda a assembleia, o silêncio ocupa um lugar de importância absoluta”. A comunhão requerida entre os participantes da assembleia litúrgica é fomentada também por gestos (sinal da cruz, bater-se no peito, erguer as mãos, etc.), atitudes corporais (sentar-se, ajoelhar-se, caminhar em procissão, ficar em pé, inclinar a cabeça) e cânticos, os quais são sinal da unidade dos membros daquela comunidade cristã que se forma para celebrar a sagrada liturgia e manifestam a intenção daqueles que participam. Se tal comunhão/união é obtida pela uniformidade no canto, nos gestos, nas aclamações e respostas, o é igualmente pelos instantes de silêncio orante e meditativo. Certamente o Papa não quis dizer que o silêncio é o comportamento ritual de maior importância – o que seria desprovido de verdade –, mas, sim, que este tem, dentro da celebração, um enorme valor e que por isso não deve ser negligenciado: é preciso silêncio para que Deus fale e seja ouvido. De fato não há necessidade de multiplicar tanto as palavras quando se está, no culto sagrado, diante da Palavra, do Cristo-Verbo, cujos mistérios estão ligados ao silêncio e somente nele “pode encontrar morada em nós, como aconteceu em Maria, mulher indivisivelmente da Palavra e do silêncio. As nossas liturgias devem facilitar esta escuta autêntica”¹⁰.

“Várias vezes é expressamente prescrito nas rubricas: toda a celebração eucarística é imersa no silêncio que precede o seu início e marca cada instante do seu desenvolvimento ritual”. De fato, como se verá particularizado nos próximos parágrafos, as próprias rubricas do Missal (e de outros livros rituais) e a IGMR prescrevem, ao longo da celebração, alguns momentos em que o silêncio é não somente desejado, mas também necessário para viver mais profundamente o que a ação litúrgica propõe aos membros da assembleia. Se é verdade que a Constituição sobre a Liturgia colocou o acento na promoção da participação ativa dos fiéis na celebração eucarística, também pediu a observância, em momentos específicos, do silêncio sagrado, precisamente porque não

⁹ FRANCISCO, 2022; DD, 52.

¹⁰ BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini*. Vaticano, 2010. n. 66. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em: 18 jan. 2023.



se contradizem, mas complementam-se¹¹. Isto é o que declara também a Instrução sobre a Música sacra:

Nos momentos adequados, todos devem observar um silêncio reverente. Por meio dele, os fiéis não são considerados espectadores estranhos ou mudos no serviço litúrgico, mas estão associados mais intimamente ao mistério que está sendo celebrado, graças à disposição interior que deriva da palavra de Deus que eles ouviram, das canções e orações que foram proferidas e da união espiritual com o sacerdote nas partes que ele diz ou canta¹².

O silêncio, diz o Papa, precede o início da celebração. É o que garante o n. 45 da IGMR: “Convém que já antes da própria celebração se conserve o silêncio na igreja, na sacristia, na secretaria e mesmo nos lugares mais próximos, para que todos se disponham devota e devidamente para realizarem os sagrados mistérios”. O silêncio é, assim, a condição fundamental de toda ação sagrada por parte da assembleia litúrgica; é ele que a cria e solidifica, provocando “aquele ‘clima’ ideal no qual a comunidade reunida, de forma nítida e profunda, toma consciência do seu papel de sujeito ativo da celebração, do significado global daquilo que se celebra e de cada um dos atos celebrativos”¹³. Se o ministro que preside a celebração deve preparar-se bem para tão digna ação, o mesmo se espera dos outros fiéis:

A assembleia deve preparar-se para o encontro com o seu Senhor, ser um povo bem disposto. Esta preparação dos corações é obra comum do Espírito Santo e da assembleia, particularmente dos seus ministros. A graça do Espírito Santo procura despertar a fé, a conversão do coração e a adesão à vontade do Pai. Estas disposições pressupõem-se para receber outras graças oferecidas na própria celebração, e para os frutos de vida nova que ela é destinada a produzir em seguida¹⁴,

o que é bastante prejudicado pela falta do devido silêncio, que sempre favorece o clima de oração caracterizante de toda ação litúrgica. Esta

¹¹ Cfr. CONCÍLIO VATICANO II, 2010, p. 46; SC, 30.

¹² SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. *Instrução Musicam sacram*. Vaticano, 1967. n. 17. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_instr_19670305_musi-cam-sacram_it.html. Acesso em: 20 jan. 2023.

¹³ DE MELO, José Raimundo. A linguagem dos gestos e do silêncio na liturgia. In: *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 49, v. 12, p. 47, out.-dez, 2004.

¹⁴ CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes, 1993. n. 1098.



preparação silenciosa antes da ação sagrada ajuda também no processo permanente de transformação interior dos fiéis e de conversão, já que não se pode “esperar uma participação ativa na liturgia eucarística, se nos abeirmos dela superficialmente e sem antes nos interrogarmos sobre a própria vida. Favorecem tal disposição interior o recolhimento e o silêncio durante alguns momentos pelo menos antes do início da liturgia”¹⁵.

“Efetivamente, está presente no ato penitencial”. É o que prevê o n. 51 da IGMR: “Em seguida, o sacerdote convida para o ato penitencial que, após breve pausa de silêncio, é realizado por toda a assembleia através de uma fórmula de confissão geral”. Trata-se, portanto, de uma preparação interior para poder participar melhor daquilo que será celebrado depois, a fim de que toda a assembleia dos batizados tome consciência da grandeza e da importância do mistério que se fará presente. O próprio Papa afirmara anos antes em uma catequese sobre a Missa: “Ouvir em silêncio a voz da consciência permite reconhecer que os nossos pensamentos estão distantes dos pensamentos divinos, que as nossas palavras e as nossas ações são muitas vezes mundanas, isto é, guiadas por escolhas contrárias ao Evangelho”¹⁶.

“Após o convite à oração”. Outro momento em que se prevê um instante silencioso é antes da Coleta: “O sacerdote convida o povo a rezar, todos se conservam em silêncio com o sacerdote por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos”¹⁷. Não se trata de uma pausa demorada, mas de alguns segundos necessários para que a comunidade celebrante possa apresentar a Deus suas intenções, que serão então “recolhidas” (do verbo *colligere*, daí *collecta*) pelo presidente da celebração, o qual, muitas vezes, se apressa em já rezar a oração e não dá a importância devida ao *sacrum silentium*, o que acaba por contradizer a exigência do próprio convite para que todos orem. Na mesma série de catequese sobre a celebração eucarística já citada anteriormente, o Papa deu a seguinte orientação a respeito:

¹⁵ BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum caritatis*. Vaticano: 2007. n. 55. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em: 19 jan. 2023.

¹⁶ FRANCISCO. *Audiência geral sobre a celebração eucarística*. Vaticano: 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2018/documents/papa-francesco_20180103_udienza-generale.html. Acesso em: 15 mar. 2023.

¹⁷ IGMR, 2006, n. 54.



O silêncio não se reduz à ausência de palavras, mas consiste em predispor-se a ouvir outras vozes: a do nosso coração e, sobretudo, a voz do Espírito Santo [...]. Portanto, antes da oração inicial, o silêncio ajuda a recolher-nos em nós mesmos e a pensar por que estamos ali. Eis, então, a importância de ouvir o nosso espírito para o abrir depois ao Senhor. Talvez tenhamos vivido dias de cansaço, de alegria, de dor, e queremos dizê-lo ao Senhor, invocar a sua ajuda, pedir que esteja próximo de nós; temos familiares e amigos doentes, ou que atravessam provações difíceis; desejamos confiar a Deus o destino da Igreja e do mundo. É para isto que serve o breve silêncio antes que o sacerdote, recolhendo as intenções de cada um, recite em voz alta a Deus, em nome de todos, a oração comum que conclui os ritos de introdução, realizando precisamente a “coleta” das intenções individuais. Recomendo vivamente aos sacerdotes que observem este momento de silêncio e não se apressem: “oremos”, e que se faça silêncio. Recomendo isto aos presbíteros. Sem este silêncio, corremos o risco de descuidar o recolhimento da alma¹⁸.

“Na liturgia da Palavra (antes das leituras, entre as leituras e após a homilia)”. O silêncio na liturgia não é uma atitude estéril, antes é uma ocasião propícia para acolher a Palavra de Deus e meditar os mistérios que ela encerra. Com efeito, diz-se que durante a liturgia da Palavra “integram-se também breves momentos de silêncio, de acordo com a assembleia reunida, pelos quais, sob a ação do Espírito Santo, se acolhe no coração a Palavra de Deus e se prepara a resposta pela oração¹⁹: é, portanto, um silêncio orante, que enriquece o diálogo entre Deus e os homens. Segundo De Zan, “a palavra de Deus, que nasce não só do falar divino, mas também do seu silêncio, é acolhida pela escuta que nasce de um silêncio que não é vazio, mas disponível para ser alcançado e tornar-se silêncio fecundo²⁰, que não pode deixar de levar a uma atitude de obediência, humildade, meditação e adoração. Mais ainda: não basta respeitar-se somente os momentos de silêncio previstos, mas também é importante que ele esteja presente “na fala espaçada do leitor ao proclamar um texto bíblico, ou de quem preside, ao dizer, em nome de toda a

¹⁸ FRANCISCO. *Audiência geral sobre a celebração eucarística*. Vaticano: 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180110_udienza-generale.html. Acesso em: 15 mar. 2023.

¹⁹ IGMR, 2006, n. 56.

²⁰ DE ZAN, Renato. Silenzio, ascolto e parola di Dio. *Appunti di spiritualità biblica*. In: *Rivista Liturgica*, Camaldoli, N. 76, p. 351, jul.-ago, 1989 (tradução nossa).



assembleia, uma oração, para que, nas entrelinhas da palavra de Deus e da Igreja, se escute a voz do Espírito”²¹.

Deste modo, “convém que tais momentos de silêncio sejam observados, por exemplo, antes de se iniciar a própria liturgia da Palavra, após a primeira e a segunda leitura, como também após o término da homilia”²². No entanto, não consistem, em longos minutos que podem até incomodar, entediar, “quebrar o ritmo” da celebração; nem são meras pausas para descanso, que acabariam por contrariar a participação ativa. Dentre estes três momentos citados, é possível supor que o mais importante seria aquele breve silêncio após a homilia²³, de modo a permitir que a toda a Palavra recém-proclamada e meditada caia no coração e gere frutos. Nas palavras do Papa Paulo VI, o silêncio neste momento da celebração é quase “um exercício no encontro vazio, silencioso, austero... na conversa espontânea, feliz e adoradora com a divina Majestade, como se fosse arrastada pela própria oração de Cristo”²⁴. Neste sentido,

*o silêncio tem valor múltiplo: a) é ele quem prepara à escuta da palavra; b) no silêncio a palavra é anunciada; c) o silêncio proporciona a interiorização e transformação do coração, que induzem à ação pós-celebrativa; d) no silêncio, a ação realizada na vida é confrontada com a mensagem previamente escutada com vistas a uma maior fidelidade entre palavra e vida. Desta forma, o silêncio conduz à Palavra, e a Palavra silenciosamente acolhida, meditada e vivificada, passando pela existência e modificando-a, reconduz ao silêncio*²⁵.

Ainda dentro da liturgia da Palavra, outro momento em que é possível o silêncio é durante a oração universal (ou dos fiéis). Embora o mais usual seja uma resposta do tipo “Senhor, escutai a nossa prece”, diz o n. 71 da IGMR que “o povo, de pé, exprime a sua súplica, seja por uma invocação comum após as intenções proferidas, seja por uma oração em silêncio”. Neste caso, tratar-se-ia de uma participação por meio de uma oração feita sem palavras, observando-se uma pausa adequada;

²¹ DA SILVA, Jerônimo Pereira. O silêncio na liturgia. In: *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 261, p. 23, maio-jun, 2017.

²² IGMR, 2006, n. 56.

²³ Cfr. IGMR, 2006, n. 66.

²⁴ PAULO VI. *Discorso agli abati della Confederazione Benedettina*, 30 de setembro de 1970. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1970/documents/hf_pvi_spe_19700930_confederazione-benedettina.html. Acesso em: 19 jan. 2023 (tradução nossa).

²⁵ DE MELO, 2004, p. 47.



essa participação silenciosa, ainda que possa parecer menos ativa, pode conferir admirável plenitude à prece da assembleia, que, “exercendo o seu sacerdócio batismal, oferece a Deus orações pela salvação de todos” (IGMR 69). Deste modo, torna-se mais evidente a dinâmica entre palavra e silêncio, que caracteriza a oração de Jesus em toda a sua existência terrena e que diz respeito também à própria vida litúrgica.

“Na oração eucarística”. Já dentro da liturgia eucarística, encontra-se a seguinte afirmação no n. 147 da IGMR: “A Oração eucarística, por sua natureza, exige que somente o sacerdote, em virtude de sua ordenação, a profira. O povo, por sua vez, se associe ao sacerdote na fé e em silêncio e por intervenções previstas no decurso da Oração”. No Brasil, como se sabe, são previstas aclamações do povo em todas as orações eucarísticas, já desde a primeira edição do Missal reformado após o Concílio Vaticano II, as quais, como enfatizado neste ponto acima mencionado da IGMR, são um modo de a assembleia celebrante manifestar o sacerdócio batismal, unindo-se ao sacrifício que o ministro ordenado oferece a Deus *in persona Christi et in nomine Ecclesiae*. Onde e como, então, é possível o silêncio nesta parte da Missa? Antes de responder a esta pergunta, é preciso distinguir diversos “tipos” de silêncio presentes na celebração eucarística: de recolhimento, meditativo, de adoração, de súplica e de apropriação²⁶. Este último, que se dá pela escuta e interiorização das grandes orações presidenciais, é justamente o silêncio requerido durante a anáfora eucarística: muito mais que a simples ausência de palavras, é um chamado a uma adesão e atenção profundas ao mistério que, *per ritus et preces*, se torna presente naquele momento e que envolve a todos. É o silêncio causado pelo “assombro”, como diz o Papa nesta carta apostólica, que é parte essencial do ato litúrgico²⁷. É o associar-se ao sacerdote na fé, respeitosamente.

“Depois da comunhão”. Enfim, o último momento previsto no Missal propício ao silêncio orante é a Comunhão, seja antes de receber Jesus na Eucaristia – “o sacerdote prepara-se por uma oração em silêncio para receber frutuosa e plenamente o Corpo e Sangue de Cristo. Os fiéis fazem

²⁶ Cfr. DE MELO, 2004, p. 49-50. O silêncio de recolhimento é aquele que se verifica, por exemplo, no ato penitencial e no convite à oração Coleta; o silêncio meditativo, após as leituras e a homilia, como resposta à proclamação da Palavra de Deus (cfr. IGMR 45); de adoração, em preparação ou após a Comunhão. O silêncio de súplica pode ser vivido, como visto acima, como resposta à oração dos fiéis, que intercedem pelas necessidades da Igreja.

²⁷ Cfr. FRANCISCO, 2022; DD, 24, 25, 26.



o mesmo, rezando em silêncio”²⁸ –, seja após tê-lo feito – “terminada a distribuição da Comunhão, se for oportuno, o sacerdote e os fiéis oram por algum tempo em silêncio”²⁹. É bem verdade que se pode entoar um salmo ou outro canto de louvor para acompanhar o rito, mas também há a possibilidade (nem sempre factível) de manter-se um instante de profundo silêncio e recolhimento para dar graças a Deus pelo grande dom recebido. A este ponto da celebração, além de os presentes já terem se alimentado da Palavra por meio dos ouvidos, muitos se nutriram também do Verbo na forma de sacramento. Não servem outras palavras, não servem outros sons... o Verbo já habitou não somente entre os seus, mas dentro daqueles que o receberam nas espécies eucarísticas: “Após a Comunhão, o silêncio, a oração silenciosa, ajuda-nos a conservar no coração o dom recebido. Prolongar um pouco aquele momento de silêncio, falando com Jesus no coração, ajuda-nos muito [...] a estar com o Senhor”³⁰.

2 O silêncio litúrgico como símbolo

“Não se trata de um refúgio onde esconder-se para um isolamento intimista, quase sofrendo a ritualidade como se de uma distração se tratasse: um tal silêncio estaria em contradição com a própria essência da celebração”. A verdade é que o mundo atual não tolera o silêncio; “a nossa é uma época na qual não se favorece o recolhimento; aliás, às vezes a impressão é de que as pessoas têm medo de se separar, mesmo por um instante, do rio de palavras e de imagens que marcam e enchem os dias”³¹. Se se quisesse tratar de um ponto de vista filosófico, poderia dizer-se que o silêncio obriga o indivíduo a encarar-se, a prestar atenção a si (e a Deus), a ouvir-se. E isso a modernidade não suporta muito. As pessoas estão sempre “ligadas” ao celular, à imagens, à notícias, a sons... Desconectar-se de tudo isso pode gerar ansiedade, tensão. Por isso há tanta dificuldade de calar-se, de meditar, de contemplar, o que acaba refletindo-se também na celebração litúrgica. Há quase sempre uma grande necessidade de falar, de distrair-se, de improvisar sons, solos,

²⁸ IGMR, 2006, n. 84.

²⁹ IGMR, 2006, n. 88.

³⁰ FRANCISCO. *Audiência geral sobre a celebração eucarística*. Vaticano, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180321_udienza-generale.html. Acesso em: 16 mar. 2023.

³¹ BENTO XVI. *Audiência geral*. Vaticano, 2012. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20120307.html. Acesso em: 16 mar. 2023.



melodias... O silêncio litúrgico é, por isso mesmo, um “antídoto” de grande importância, porque vai na direção contrária a tudo isso: não se trata de uma cerimônia; é antes uma suspensão de cada gesto, palavra, rito. Não é uma pausa na celebração, mas uma entrada no coração da celebração; é um apelo à disponibilidade da ação do Espírito³²:

*O silêncio sugere, o silêncio enriquece, o silêncio nos dá viva consciência do que celebramos. Mas o silêncio litúrgico nos conduz ainda mais adiante, pois nos impulsiona mergulhar de forma intensa no sentido e no espírito do rito subsequente. E deste modo o silêncio litúrgico age como um trampolim, fazendo-nos alcançar de forma excelente o alvo litúrgico, ou seja, participação ativa, consciente e plena na ação celebrada*³³.

Não foi à toa que o Papa Francisco, na carta apostólica *Desiderio Desideravi*, citou diversas vezes Romano Guardini, considerado o “filósofo do silêncio”, ainda que tenha sido igualmente um grande teólogo e um profundo entusiasta da participação ativa do povo, em seu tempo. Segundo este autor, “toda forma de vida litúrgica, bem compreendida, brota precisamente do silêncio. Sem silêncio tudo nela se desvanece [...]; trata-se de algo muito sério, muito importante e muito negligenciado: o primeiro pressuposto de toda ação sagrada”³⁴. Mais ainda: a palavra só é substancial e eficaz quando nasce do silêncio. Ambos estão em estreita relação; silêncio e palavra se complementam. Um assume o outro; um e outro juntos, de fato, formam um todo dentro do qual o homem está. Portanto, na justa medida, ambos são valorizados, necessários, e isso vale também (ou especialmente) na liturgia³⁵.

“O silêncio litúrgico é muito mais: é o símbolo da presença e da ação do Espírito Santo que anima toda a ação celebrativa; por esse motivo muitas vezes constitui o ápice da sequência ritual. Precisamente porque é símbolo do Espírito, tem o poder de exprimir a sua ação multiforme”. Esta talvez seja a afirmação mais importante do n. 52 do documento pontifício. Pode-se realmente considerar o silêncio como um símbolo? O

³² Cfr. TRIACCA, Achille M. Spirito Santo e liturgia. Linee metodologiche per un approfondimento. In: BÉKÉS, Gerardo J.; FARNEDI, Giustino (a cura di). *Lex orandi, lex credendi. Miscellanea in onore di p. Cipriano Vagaggini* [Studia Anselmiana 79/ Sacramentum 6]. Roma: Editrice Anselmiana, 1980. p. 157-158.

³³ DE MELO, 2004, p. 51.

³⁴ GUARDINI, Romano. *Il testamento di Gesù. Pensieri sulla Santa Messa*. Vita e Pensiero: Milano, 1950. p. 5 (tradução nossa).

³⁵ GUARDINI, 1950, p. 8.



homem atual é capaz de entender os símbolos? Alguns parágrafos antes, o Papa havia afirmado: “Todo o símbolo é, ao mesmo tempo, poderoso e frágil: se não é respeitado, se não é tratado pelo que é, quebra-se, perde a sua força, torna-se insignificante”³⁶. E ainda: “O ter perdido a capacidade de compreender o valor simbólico do corpo e de todas as criaturas torna a linguagem simbólica da Liturgia quase inacessível ao homem moderno”³⁷. Se o símbolo não é respeitado, torna-se insignificante; se o silêncio litúrgico, como símbolo, perde seu significado, ou seja, deixa de manifestar aquilo que simboliza – no caso específico, segundo a afirmação do Papa, o Espírito Santo –, tende a enfraquecer, porque perde seu valor ontológico. É importante ressaltar, para uma melhor compreensão, os elementos que sempre estão presentes num símbolo:

a) uma realidade sensível, isto é, um objeto, uma palavra; b) uma correspondência ou relação de significação ou de analogia com outra realidade superior ou inalcançável com a qual se entra em contato através do elemento significante; c) a realidade significada com a qual se entra em contato está de tal maneira presente e unida ao significante que sem ele não poderia exercer sua influência. O simbolismo é um processo de unificação que passa das coisas visíveis às invisíveis, e é ao mesmo tempo o resultado deste processo,

ou seja, segundo o que afirma o Santo Padre, o silêncio litúrgico como símbolo é o lugar teológico da escuta fecundada pela presença e ação do Espírito Santo, aquele silêncio em que ressoa a Palavra do Filho, do *Lógos* eterno, e que se abre ao conhecimento profundo do Pai. O Espírito, desta forma, a realidade significada pelo silêncio, repousa sobre aquele que acolhe a Palavra e faz do seu coração a morada viva do Verbo.

Por isso mesmo, nas palavras de Guardini citadas pelo Papa Francisco na carta, “é assim que se esboça a primeira tarefa do trabalho da formação litúrgica: o homem deve voltar a ser de novo capaz de símbolos”³⁸; deve redescobrir o valor simbólico daquilo que o envolve; de modo particular, o fiel precisa, por meio de uma formação adequada, reaprender o significado daquilo que os símbolos e gestos na liturgia têm a lhe dizer. No caso do silêncio, segundo o Papa, trata-se do símbolo da ação do Espírito Santo, da sua presença santificadora, transformadora

³⁶ FRANCISCO, 2022; DD, 44.

³⁷ FRANCISCO, 2022; DD, 44.

³⁸ GUARDINI, Romano. *Liturgische Bildung*. Burg Rothenfels an Main: Verlag Deutsches Quickbornhaus, 1923, p. 31, citado por FRANCISCO, 2022; DD, 44.



e vivificante. Por meio do símbolo, portanto, algo novo e irreduzível é introduzido no mundo unido a esta condição *capax symbolorum* do ser humano à que se refere Guardini. E o silêncio orante, diz Francisco neste ponto da carta, constitui, muitas vezes, o ápice da sequência ritual, o que significa que muitas ações na liturgia apontam para o silêncio sagrado e nele culminam, como *locus* de ação do Espírito Santo. Desta forma, o *silentium* como símbolo apresenta-se no ato cultural “como a abertura viva, eficaz e fecunda da parte do coração do crente na direção do infinito; é o abatimento de toda e qualquer defesa diante do manifestar-se de Deus, é a ação que preenche a experiência do gozo da divina liberdade no espírito humano”³⁹, colocando-se em relação com o mistério celebrado, do qual o silêncio é uma das dimensões mais evidentes.

“Assim, retomando os momentos que acima recordei, o silêncio move ao arrependimento e ao desejo de conversão; suscita a escuta da Palavra e a oração; dispõe à adoração do Corpo e do Sangue de Cristo”. Com esta afirmação, o Papa resume os momentos em que o silêncio é previsto na liturgia da Missa, revelando de forma sucinta o sentido de cada um deles. É preciso, naturalmente, redescobrir a fecundidade que o silêncio gera nos membros da assembleia para que esta possa celebrar melhor, porque há sempre o risco de transformar-se a celebração eucarística em algo bem diferente do que ela é, principalmente se for muito ruidosa ou celebrada às pressas. É igualmente importante ressaltar que inclusive as palavras previstas para ser ditas em silêncio pelo sacerdote... devem ser ditas em silêncio! Não são frases dirigidas à assembleia, mas a Deus, portanto não há motivo para dizê-las em alta voz. Também aqui o silêncio ajuda e forma.

Não se trata apenas, portanto, de um silêncio exterior, desprovido de sentido. Ao contrário, “o verdadeiro silêncio significa que pensamentos, sentimentos e corações estão em paz; deve dominar o espírito e penetrar cada vez mais fundo na alma [...]. É a paz da vida interior. É presença ansiosa, dedicação, consideração. Tudo está alerta, tudo está pronto”⁴⁰. É um calar-se que está ligado ao recolhimento. Nas palavras de Guardini, o silêncio é a superação do barulho e da verbosidade; o recolhimento é a vitória sobre a dissipação e a inquietação. Calar-se denota silêncio no homem que está apto para falar. O recolhimento é a unidade vital de uma existência cheia de força, voltada para a ação,

³⁹ DA SILVA, 2017, p. 23-24.

⁴⁰ GUARDINI, 1950, p. 2-3 (tradução nossa).



contestada por todos os lados pelas coisas do mundo e arrastada para a teia dos acontecimentos; ele não é menos importante do que o silêncio, pois, na verdade, um não pode prescindir do outro⁴¹.

“Sugere a cada um, na intimidade da comunhão, o que o Espírito quer realizar na vida para nos conformar ao Pão partido. Por isso, somos chamados a realizar com extremo cuidado o gesto simbólico do silêncio: é nele que o Espírito nos dá forma”. O Papa encerra este parágrafo afirmando que aquilo que o silêncio litúrgico gera nos cristãos ajuda-os à conformação a Cristo, o Pão partido, movidos pelo Espírito Santo, que é Quem dá forma a todas as coisas, a alma da Igreja, atuando de diversos modos durante a ação sacramental. Transforma os dons ofertados no Corpo e no Sangue de Cristo, une os fiéis no Seu amor e dá-lhes a graça de assemelhar-se ao Senhor. Tudo isso realiza, sim, por meio de palavras – por exemplo, a forma do sacramento, as palavras da consagração –, mas o faz inegavelmente também nos momentos de silêncio orante, de ação de graças, em que alma e mente estão mais voltadas a Deus (“o nosso coração está em Deus!”). De fato, diz o Papa, “só a ação do Espírito pode aperfeiçoar o nosso conhecimento do mistério de Deus, que não é questão de compreensão intelectual, mas de relação que toca a vida”⁴².

Como se vê, este argumento tem sido uma das preocupações do Papa no que se refere à celebração litúrgica e à necessária formação para vivê-la bem. Basta verificar que ele não deixou de mencioná-lo, por exemplo, na série de catequeses sobre a Missa, citadas ao longo deste artigo. Mais recentemente, em janeiro de 2023, em um discurso aos participantes do curso “Vivere in pienezza l’azione liturgica”, promovido pelo Pontifício Instituto Litúrgico de Santo Anselmo, em Roma, afirmou:

Por fim, exorto-vos a cuidar do silêncio. Nesta época fala-se, fala-se... Silêncio. Especialmente antes das celebrações – um momento que por vezes é tomado como um encontro social, fala-se: “Ah, como estás? Como não estás” – o silêncio ajuda a assembleia e os concelebrantes a concentrarem-se no que deve ser realizado. Com frequência as sacristias são ruidosas antes e depois das celebrações, mas o silêncio abre e prepara para o mistério: é o silêncio que te prepara para o mistério, permite a assimilação, deixa ressoar o eco da Palavra ouvida. É bonita a fraternidade, é bom saudarmo-nos, mas é o encontro com Jesus que

⁴¹ Cfr. GUARDINI, 1950, p. 4.

⁴² FRANCISCO, 2022; DD, 39.



*dá sentido ao nosso encontrarmo-nos, ao nosso encontro. Devemos redescobrir e valorizar o silêncio!*⁴³

Embora se trate de apenas um entre os vários temas abordados na carta apostólica, é bem explícito que, olhando para o conjunto do texto, a necessidade da formação litúrgica inclui a capacidade de formar-se para o silêncio. Se, no parágrafo n. 34 do documento, o Papa menciona a importância da “formação para a liturgia e a formação pela liturgia”, acrescenta que tal formação é séria e vital: não se trata simplesmente de adquirir algumas noções ou dar voz a algo interior, mas de um formar-se entendido como experiência, como iniciação profunda ao mistério, cuja plenitude é a conformação a Cristo. Não é, portanto, um mero processo mental, abstrato, de aprendizado, mas de tornar-se Ele, de transformar-se Naquele que se recebe⁴⁴. Mesmo que o Papa não o tenha dito com estas palavras, é possível parafraseá-lo e afirmar que se faz igualmente necessária uma “formação para o silêncio e formação pelo silêncio”, também esta séria e vital, pois o silêncio na liturgia não é somente um meio para o encontro com Deus: o silêncio é Deus mesmo⁴⁵, nas palavras de Bruno Forte. Por isso, não pode ser estranha a afirmação de que “Deus permanece no silêncio. E se ele permanece no silêncio, significa que ele é silêncio. Logo, Deus está presente no silêncio e o silêncio se torna um lugar de encontro com Deus [...]; só é possível o encontro surpreendente com Deus se houver o silêncio”⁴⁶.

Conclusão

É inegável a necessidade da redescoberta do silêncio litúrgico, entendido não como elemento absoluto e significativo em si mesmo, mas um sinal de participação, condição espiritual para uma verdadeira compreensão do mistério celebrado, para a escuta da Palavra de Deus e para a resposta da assembleia, visto que é o Espírito Santo que leva a

⁴³ FRANCISCO. *Discurso aos participantes no curso “Viver plenamente a ação litúrgica”*. Vaticano, 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/january/documents/20230120-vivere-pienezza-azione-liturgica.html>. Acesso em: 16 mar. 2023.

⁴⁴ Cfr. FRANCISCO, 2022; DD, 41.

⁴⁵ Cfr. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*. Ensaio de uma cristologia como história. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 282-296.

⁴⁶ HACKMANN, Geraldo; VIAN, Ludinei. O silêncio como possibilidade de encontro com Deus. Uma proposta a partir da teologia de Bruno Forte e do Papa Bento XVI. *In: Teocomunicação*, Porto Alegre, V. 49, n. 2, p. 8-9, jul.-dez., 2019.



comunidade reunida a crescer como templo consagrado. Tal silêncio é também pedagógico, capaz de criar as atitudes espirituais necessárias à vivência litúrgica e de oferecer a cada um dos membros presentes um espaço vital para sua interiorização. Muitas vezes o silêncio não existe porque, provavelmente, se perdeu (ou se foi atenuando) a noção do Sagrado dentro da celebração dos sacramentos. E ele é importantíssimo para o encontro pessoal com o Senhor! Valorizar novamente o silêncio, portanto, é uma das tarefas mais urgentes da Igreja.

O silêncio, como já foi afirmado, inspira o diálogo entre Deus e os homens, torna-se manifestação do respeito devido ao Senhor que se revela. Sua importância está ligada à palavra, da qual é um terreno privilegiado, de modo que uma maior busca por ele, na liturgia, é também sinal de uma maior maturidade celebrativa. Silêncio e palavra que se complementam sem se contradizer. Uma celebração que “empilha” um rito sobre o outro, que segue um ritmo frenético sem parar, cansa a comunidade, sem edificá-la. A liturgia é feita de ritmos, de alternâncias, de ritos. Por isso é tão necessária a formação litúrgica, a começar, sem dúvida, dos pastores, que presidem as celebrações (formação que, como insiste o Papa no documento⁴⁷, deve ocupar lugar de destaque nos seminários), para que sejam possuidores da *ars celebrandi*, que vivam e celebrem a liturgia como orientam os livros litúrgicos, na simplicidade, no decoro, na ordem, na obediência, para que cada um de seus gestos e palavras – e o seu silêncio! – ajudem a assembleia a viver melhor a celebração do mistério pascal de Cristo e a se deixar moldar por ela. Assim, os pastores bem formados pela e para a liturgia colaborarão para que a comunidade dos fiéis possa também ser bem formada, inclusive na *ars tacendi*.

Por fim, ressalta-se que, para além destes momentos específicos previstos para o silêncio, é toda a liturgia, aliás a própria igreja enquanto espaço celebrativo, que precisa recuperar a dimensão ritual do silêncio, evitando-se todo tipo de ruído não somente desnecessário, mas também prejudicial à vida litúrgica, como o alto volume de instrumentos e do sistema de som e imagens, o excesso de comentários, o não infrequente grande número de avisos ao fim da Missa, as conversas dentro do ambiente da igreja, todas essas atitudes que muitas vezes dificultam aos fiéis ouvir a suave voz do Espírito. Ainda que o Papa não traga respostas ou soluções às necessidades litúrgicas atuais, não deixa de dar “pistas” e chamar a Igreja a ouvir sempre a voz do Espírito.

⁴⁷ Cfr. FRANCISCO, 2022, n. 37 e 39.



Referências bibliográficas

BENTO XVI. *Audiência geral*. Vaticano, 2012. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20120307.html. Acesso em: 16 mar. 2023.

BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum caritatis*. Vaticano, 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em: 19 jan. 2023.

BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini*. Vaticano, 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em: 18 jan. 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes, 1993.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II* [Documentos da Igreja]. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 33-86.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Reunidos em nome de Cristo – Instrução Geral do Missal Romano*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

DA SILVA, Jerônimo Pereira. O silêncio na liturgia. In: *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 261, p. 21-24, maio-jun, 2017.

DE MELO, José Raimundo. A linguagem dos gestos e do silêncio na liturgia. In: *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 49, v. 12, p. 35-53, out.-dez, 2004.

DE ZAN, Renato. Silenzio, ascolto e parola di Dio. Appunti di spiritualità biblica. In: *Rivista Liturgica*, Camaldoli, n. 76, p. 340-351, jul.-ago, 1989.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*. Ensaio de uma cristologia como história. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

FRANCISCO. *Audiência geral sobre a celebração eucarística*. Vaticano, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_2018_0103_udienza-generale.html. Acesso em: 15 mar. 2023.



FRANCISCO. *Audiência geral sobre a celebração eucarística*. Vaticano, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2018/documents/papa-francesco_2018_0110_udienza-generale.html. Acesso em: 15 mar. 2023.

FRANCISCO. *Audiência geral sobre a celebração eucarística*. Vaticano, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2018/documents/papa-francesco_2018_0321_udienza-generale.html. Acesso em: 16 mar. 2023.

FRANCISCO. *Carta apostólica Desiderio Desideravi sobre a formação litúrgica do povo de Deus*. Vaticano, 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html. Acesso em: 18 jan. 2023.

FRANCISCO. *Discurso aos participantes no curso “Viver plenamente a ação litúrgica”*. Vaticano, 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/january/documents/20230120-vivere-pienezza-azione-liturgica.html>. Acesso em: 16 mar. 2023.

GUARDINI, Romano. *Il testamento di Gesù. Pensieri sulla Santa Messa*. Milano: Vita e Pensiero, 1950.

GUARDINI, Romano. *Liturgische Bildung*. Burg Rothenfels an Main: Verlag Deutsches Quickbornhaus, 1923.

HACKMANN, Geraldo; VIAN, Ludinei. O silêncio como possibilidade de encontro com Deus. Uma proposta a partir da teologia de Bruno Forte e do Papa Bento XVI. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, p. 1-11, jul.-dez., 2019.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*. Vaticano, 2003. Disponível em: https://www.vatican.va/holy_father/special_features/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_200-30417_ecclesia_eucharistia_po.html. Acesso em: 18 jan. 2023.

PAULO VI. *Discorso agli abati della Confederazione Benedettina*, 30 de setembro de 1970. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1970/documents/hf_pvi_spe_19700930_confederazione-benedettina.html. Acesso em: 19 jan. 2023.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. *Instrução Musicam sacram*. Vaticano, 1967. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_instr_19670305_musicam-sacram_it.html. Acesso em: 20 jan. 2023.



TRIACCA, Achille M. Spirito Santo e liturgia. Linee metodologiche per un approfondimento. In: BÉKÉS, Gerardo J.; FARNEDI, Giustino (a cura di). *Lex orandi, lex credendi. Miscellanea in onore di p. Cipriano Vagaggini* [Studia Anselmiana 79/Sacramentum 6]. Roma: Editrice Anselmiana, 1980. p. 133-164.